



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Hipólito, monólogo masculino sobre a perplexidade

AUTOR

Mickael de Oliveira

ANO

2009

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Mickael de Oliveira

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Hipólito, monólogo masculino sobre a perplexidade

AUTOR

Mickael de Oliveira

ANO

2009

Este texto teve estreia em
2009, na ZDB/Negócio, Lisboa.
Direcção de John Romão.

2015 Coimbra



Mickael de Oliveira

1984. Nasceu em Mouy, vila situada perto de Paris e vive em Portugal desde 1999, residindo em Lisboa. É licenciado e mestre em Estudos Artísticos – Variante Teatro, pela Faculdade de Letras da UC, concluiu em 2013 o doutoramento em dramaturgia contemporânea portuguesa e europeia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Escreve para teatro desde 2004, tendo co-fundado o Colectivo 84 em 2008, estrutura na qual desenvolve o seu trabalho de escrita e de encenação. Tem colaborado igualmente com outras companhias como a Cão Danado (Braga), Teatro Nova Europa (Porto) e DayforNight (Paris). O seu percurso foi galardoado em 2007 com o *Prémio Nova Dramaturgia Maria Matos* (TM Maria Matos, Lisboa) com *Aos mortais entregou o que é teu e*, em 2009, com a Menção Honrosa do Prémio Luso-Brasileiro António José da Silva (TN D. Maria II, Lisboa / FUNARTE, Brasil) com o texto *Clitemnestra*. É autor de uma dezena de textos, entre os quais: *Hipólito - monólogo masculino sobre a perplexidade* (2009, John Romão), *70KG* (2009, John Romão) *Monólogos e Materiais* para o espectáculo *Velocidade Máxima* (2009, John Romão), *Só os idiotas querem ser radicais* (2009, John Romão), Textos para *apocalipses* para o espectáculo *Morro como país*, baseado no texto de Dimítris Dimitriádis (2010, John Romão), *A hora é nocturna e o tempo é agora* (2010, Nuno M. Cardoso), Boris Yeltsin (2012/2013, Nuno M. Cardoso), *Oslo - Fuck Them All and Everything Will Be Wonderful* (co-criação Mickael de Oliveira e Nuno M. Cardoso). Publicou em 2014 *Obra Completa* (Edições Húmus) que junta os últimos trabalhos. Os seus textos estão traduzidos para francês, inglês, castelhano, eslovaco, e lidos em França, Bélgica, Genebra. É director artístico do projecto Encontros de Novas Dramaturgias Contemporâneas que pretende promover a dramaturgia contemporânea portuguesa e internacional. Foi professor assistente de Gestão Cultural e de Estudos Artísticos na ESECS do Instituto Politécnico de Leiria e Professor Convidado na Escola Superior de Teatro e Cinema, sendo actualmente Professor Auxiliar Convidado na Faculdade de Letras da UC. É, desde Setembro de 2011, Director-Adjunto do TAGV (Coimbra).

«O mais escandaloso dos escândalos é que nos habituamos a eles».

Simone De Beauvoir

No início disse que tinha sido por causa de deus
que deus tinha a posto doente por ser filha de quem era
No início nem sabia o que me estava a fazer
tinha sido proibido há anos de ligar a televisão
às vezes ligava às escondidas

No início pensei que fosse uma brincadeira
uma parvoíce
Mas depois aleijou-me
atou-me
e apertou-me com um braço enquanto que com o outro me tirava as cuecas
Dizia que tinha direitos sobre mim e disse que lhe ia contar
o eu tinha feito
que tinha beijado um boneco masculino
Ia contar-lhe só porque o boneco era masculino
Mas não o beijei por ser masculino
beijei-o porque era fofo e meu amigo

A uma dada altura disse-lhe mas sujaste-me
quero tomar banho
Disse-me que eu estava limpo e que não precisava
Perguntou-me
 Não te sentes mais leve agora
Disse-lhe que sim
Então argumentou que era a prova de que o que me tinha feito
curava
sarava certas feridas

Então porque é que não queres que conte às pessoas
 Porque não é uma coisa para contar
 Quando vais à casa de banho dizes aos estranhos o que foste lá fazer
 Não pois não
 Neste caso é a mesma coisa
 não se diz nada porque ninguém tem nada a ver com isso
Mas o que fizemos não é normal

 É normal sim
 é normal porque é assim que as pessoas se amam
 O meu pai fez-me o mesmo e mais tarde agradeci-lhe
 Os adultos fazem isso às crianças
 é uma prova de amor
 aproxima-os

Se é uma prova de amor porque é que a tua boca cheira a vinho
E porque que é que os meus amigos nunca me falaram disso
Porque como já te disse não são coisas que se contam
Porque é tão sujo como quando vamos à casa de banho
É tão sujo como a merda

E o teu corpo não cheira bem
parece que está qualquer coisa a apodrecer
fiquei com a boca a cheirar forte
Não gosto da sensação
Se não te importas não queria voltar a meter a minha boca onde

É para o teu bem
Eu é que sei o que é bom para ti

Mas quando estamos assim
não te reconheço bem
não chamas por mim chamas pelo pai
E é aí que tenho medo
ficas estranha

II

Tira tudo
Vai tirando a roupa
Despacha-te

É isso
Mas falta o resto

Não queres tirar as meias

Não comeces a chorar porque não vai acontecer nada de mal
Não te vou magoar
já sabes que não dói
Senão já tinhas ido ao médico
e já sabes que se te portares bem compro-te um kinder

Mas há qualquer coisa que me deixa nervoso
Há qualquer coisa que me faz negar
no milésimo de segundo antes de pões a mão nas minhas cuecas

Não devias pensar tanto
Só te vai fazer bem

Depois é que vais precisar de umas sessões de psicanálise
e arrotar tudo cá para fora
mas eu pago-tas
Só quando arrotamos é que fazemos bem a digestão

E o teu hálito de adulto nocturno
vai misturar-se ao sabor do chocolate que comes como uma hóstia
ajoelhado frente à Pietà

Perguntei-lhe se o meu pai sabia e deu-me uma tarefa
Se algum dia contares ao teu pai juro que nessa mesma noite
entro no teu quarto às escondidas e parto-te a cara
esfaqueio-te esfaqueio-te até não ter mais força nos pulsos

III

Não percebi muito bem o que o meu pai me disse quando falou
Havia qualquer coisa que não batia certo na forma como me olhava
Parece que enquanto se aproximava
assim

aos poucos
e me acusava
fizeste isto seu painelero de merda
ele queria era trincar e rasgar os meus lábios com os dentes
Como quem diz
como te atreveste a beijá-la
como quem diz
como te atreveste a provar o suco da boca da tua mãe
da minha mulher seu caralho

Estava pedrado
Estava pedrado papá
Não quis fazer as coisas por mal acredita
Foi depois de uma noite em que bebemos e snifámos coca
Queríamos festejar a tua vinda

Mesmo se não foi assim
Mesmo se não foi assim
quis tranquilizar-te com esta mentira para ver se te convertias à ideia
Mas a verdade é que eu e a tua mulher tínhamos fodido
como se não houvesse o amanhã
no dia antes de tu teres chegado
E fi-lo com tanta força papá
que acho que ela teve a impressão de ter sido violada
por uma dúzia de cavalos enraivecidos
E fi-lo porque esse era o castigo da nossa trindade

Assim de repente
abri um saco
pus uns ténis
uma roupa interior
e as cassetes e
fui-me embora
Esperei junto à estrada principal um autocarro que costumava passar
Não passou
roubei o descapotável do meu pai e acelerei para norte até a gasolina acabar
Cheguei algures e peguei-lhe fogo
disse adeus ao capitalismo e à realidade e levantei o braço e gritei Zizek
por concordar com tudo o que ele dizia em inglês

IV

Quando o meu pai partiu
passámos a viver no campo
Verdura
oxigénio
pássaros
montes e vales
um padre
e atrasados mentais simpáticos
A nossa terra era afastada de tudo
porque a minha mãe tinha contraído a doença dos novos ricos
o medo da revolução ou de um simples carjacking
O 11 de Setembro foi a prova disso
não estamos seguros em parte alguma
nem nas torres nem nos aviões nem nos comboios
nem nos autocarros nem mesmo nos nossos próprios carros

Mas tu querias que nós ficássemos mais isolados
para que me pudesses amar à tua maneira
A nossa casa de campo era pequena e desconhecida de todos
Um quarto uma cozinha uma casa de banho e uma cave
Passávamos por labregos de segunda categoria
começámos até a cultivar
Não é que eu não gostasse
até achava alguma piada quando me deixavas sair
Vestíamos a roupa deles e o caralho
Às vezes a nossa vizinha que usava bigode e lenço na cabeça
olhava para nós fixamente
não largava o olhar
Um olhar ofensivo
um olhar de inquisidor de quem já sabe de tudo
e prepara a nossa condenação às escondidas

A minha mãe também não saía muito
porque tinha medo que descobrissem quem éramos
Confesso que foi lá que aprendi o prazer da caça
A minha madrasta repetia-me sempre que voltaríamos em breve para a cidade
ao nosso casarão com os nossos carros e os nossos hábitos

Em tom de psicodrama quando ela ainda planeava sair da cidade
dizia-me

Não queria que durante a ausência do teu pai nos degolassem
Quando lhe falava dos meus amigos e da escola
ela não respondia
olhava ou para o prato ou para a janela ou pedia mais comida à criada
O que é que achas que me podem fazer
Achas que vai ser assim simples
A ti quando nos baterem à porta
dão-te uma tarefa memorável e pronto
E a mim
a mim
a mulher do teu pai
são capazes de fazer tudo
à puta da estrangeira
à puta que veio de fora comer à rica e à francesa os impostos do povo
à puta que já fez um aborto
à puta que já traiu o marido

Aos miúdos dá-se um castigo
mas aos adultos é sempre mais sério e resolve-se com a morte
Cuidado ainda te acusam de actos terroristas e não te safo

Só achava que eras mais velha
não porque eras superior moralmente
ou porque já tinhas passado por coisas que nunca passei
porque também passei por coisas que tu nunca passaste
Mas sabia que eras mais velha porque as marcas das vacinas
que tens na pele do braço eram maiores
diferentes das minhas que são mais pequenas
E essas marcas são a prova de que o tempo passou

Dá-me as cassetes

Se tu não me deres as cassetes digo ao teu pai que me violaste
Tu és porco ó porcalhão
Tu és um porco um porco um porco porco porco porco porco porco porco
porco porco porco porco porco porco porco porco porco
porco porco porco porco porco porco porco porco porco
porco porco porco porco

Basta saberem o que andamos a fazer juntos e tudo cai
Vou morrer como uma velha puta e é assim
Vão cortar-me o cabelo como fizeram às mulheres dos colaboradores franceses
As mulheres vão mijar-me em cima por ser a puta deste regime
e os homens vão pôr-me dedos na vagina com bocados de vidro na ponta
porque amei em excesso o meu filho
porque amei o meu filho com as mãos
Prefiro que me enforcem sabes
Já pensaste na melhor forma de morreres

Eu amei o meu filho com as mãos Eu ouviste
Não ouvi e não me quero lembrar

V

Um dia a minha mãe escreveu-me uma carta
Hipólito meu filho
O teu corpo de treze anos
esse corte de corpo juvenil
recordava-me as brincadeiras de infância que eu nunca tive
porque na minha cidade proibiram as meninas de brincar com os meninos
ou até de brincar entre si
A minha infância acabou no momento em que me obrigaram
a vestir quando brincava nua frente à porta de casa

Tudo em ti era infantil e ao mesmo tempo maduro
O teu sexo que eu via nos banhos que tomávamos juntos
já era quando erecto
um sexo adulto
quase tão grande e grosso como o do teu pai
Não
para mim não eras um mero capricho que se consumia com alguma cocaína
quando a noite não oferecia outros jogos
Nunca te quis partilhar
mesmo se aqui é prática corrente
Sabes que alguns homens que vivem nesta grande casa
e homens do parlamento
saíam em plena noite com dois ou três seguranças
em direcção aos orfanatos da província
Acabavam por levar uma ou duas crianças
Outras vezes iam procurar crianças num orfanato bem conhecido aqui da cidade
Os ricos saíam dos carros
e iam escolher os miúdos da tua idade
com os conselhos dos padres
Levavam as crianças mais vulneráveis e mais caladas por natureza
Crianças que aceitavam a sodomia

Serviam para grandes orgias aqui em casa ou nos subúrbios da capital
Filmavam tudo
E depois os homens como as mulheres continuavam a foder
dia após dia
noite após noite
a verem os mesmos filmes
As crianças do orfanato que eram reencaminhadas para lá
eram reutilizadas até a um certo ponto
até não poderem contrair o ânus e reter as fezes
É horrível o que te escrevo não é
É horrível o que te conto
mas posso ficar calada e fazer de conta que está tudo bem
Ou posso falar-te dessas crianças através da palavra
molestada
porque essa palavra esconde
é mais confortável
mais decorosa para a comunicação social e para as tias burguesas
que comentariam com um
ai coitadinhos
Só não queria que confundisses tudo
Não queria que confundisses a minha paixão e a minha doença
com a luxúria deles
Não creio que estejam apaixonados ou doentes como eu
Meu amor
eu sempre te quis para mim
E nunca te quis magoar
Lembras-te que no início para te habituares
só esfregava o teu corpo quando tomávamos banho
gestos que compreendias
mas a ambiguidade deixava pairar um estranho sabor de lícito e de ilícito

Foi nas minhas mãos que te vieste pela primeira vez
lembras-te
Foi comigo que conhecestes o afecto que te foi vedado
tanto pelo teu pai como pela tua mãe
Comigo não vivias nem com heróis nem com deusas
Vivias com uma mulher de carne e osso com vontade de ti

Depois odiava-te porque era necessário

Mamã

O quê

És necrófila

Porquê

Porque quando estás em cima de mim eu estou morto

Depois de ter lido e de não ter compreendido todas as palavras da carta
ela recolheu-a e queimou-a
Mas eu tinha-a decorado e escrito num caderno

Uns anos antes também te tinha escrito um poema
Não sei se to cheguei a ler ou se o leste
Não sei se o leste no dia em que te vi sentada a chorar na minha cama
com uma folha na mão

11 anos e não tinha pêlos
É uma altura da vida em que gostamos de escrever com as estripas
Escrevemos mal mas é com tripas
a nossa boca fica ora um aterro seco ora uma fossa céptica
Aí mais vale a sinceridade do que qualquer qualidade literária
O poema chama-se

Para o dia da mãe

Mamã
Às vezes de madrugada
Quando não consigo dormir porque penso no teu amor
Querias ir ter contigo e dizer-te a chorar para que pares
Mas não te queria deixar
Eu quero que continues a minha mãe
Só não quero que tu me obragues a brincar contigo sem que o papá saiba
Só não quero que tu me batas quando não obedeço
Só não quero que me castigues por não fazer o sujo
Por não cumprir as tuas ordens que às vezes não entendo
Ouvi na televisião que as crianças também têm direitos
E que todos temos direito à nossa própria infância
Não sei bem o que é infância mas acho que sou
És a minha mãe de verdade mesmo quando me dizes que não o és
Mesmo quando dizes para não te chamar mamã
E mesmo quando queres que eu tenha um comportamento de adulto
Para deixar de chorar
Não sei o que é uma madrasta como dizem os outros
Só sei o que a palavra mamã quer dizer
E sei que tu és a melhor mamã do mundo
Fim
Mamã
desculpa se este poema não rima mas saiu do coração

Depois de a ter visto a chorar na minha cama
voltei lá para baixo
e ela foi ter comigo e

ajoelhou-se e
abraçou-se a mim a chorar como as mães fazem nos filmes comoventes
Fiquei com pena
Depois
depois pediu-me
perdão e
voltou a repetir que estava doente
mas
que não devia dizer a ninguém o que fazíamos à noite
quando
supostamente deus dormia
Ela continuou na mesma
praticando no meu corpo um vaivém de carícias e sevícias
Estavas apaixonada por mim quando gritavas aquelas obscenidades
Dizias que gemias assim na cama para expulsar os demónios

Tinha medo que alguém te ouvisse
mesmo se a nossa cave estava bem isolada
decorada entre um cenário de casa de campo burguesa do século XIX
e um backroom suburbano

Eu era ainda muito puto quando conheci a minha namorada (a minha Arícia)
E ela era muito bonita porque parecia estrangeira
Distinguia-se do mulhério moreno de olhos castanhos
que deambulava pelas ruas da capital
Ela sabia de tudo
e dizia que me ia proteger
e que quando o meu pai regressasse ia contar-lhe tudo
O meu pai nunca mais chegava
e ficava cada vez mais próximo dela
No início apeguei-me a ela como me podia ter apegado a um tamagotchi
mas à medida que ia ficando mais homem e menos imberbe e imbecil
começava a entender as coisas do afecto
Comecei a perceber que os líquidos que eu deitava podiam ser expelidos
com um outro sentimento no peito
e sem os sacrifícios mentais com que a minha mãe nos tirava

Tu não me enganas Hipólito
Tu não me enganas
Se tu pensas que é fingir e esticar as pernas assim
Comigo não sejas poeta
As pernas nem as sentes de tão esticadas que ficam

Ela queria que me viesse senão punha-me de castigo
Engolir provocava-lhe um sentimento de prazer que nunca entendi

Não me lembro bem da partida do meu pai
Saiu de casa cedo pela manhã
Veio dar-me um beijo à cama
Ouvi a minha madrasta a chorar baixinho
Sempre soube que ela gostou do meu pai
e gostou tanto dele
com tanta sinceridade
que não sei como aguentou
Não sei se foi a partir desse momento que ela começou a ficar doente

Durante 13 anos e 7 meses não voltei a ver o meu pai
No início ele telefonava
e depois
talvez tenha ficado sem vontade de falar
A guerra mesmo aquela cirúrgica
também deve enjoar ao olhar para as estatísticas
Enviava dinheiro todos os três meses
que ajudava a minha mãe a comprar a coca
que a ajudava por sua vez a tenir le coup
Avec ça je tiens le coup
como costumava dizer na sua língua materna
Realmente nunca duvidei do amor que a minha madrasta sentia pelo meu pai
e até penso que ela me amou assim
assim com as mãos como dizia
porque às vezes confundia-me ou gostava de me confundir com ele

Nunca conheci bem o meu pai
mas quando ele voltou não houve aquela frieza e distância
Se tivesse havido essa frieza
talvez depois da nossa empregada ou da minha namorada lhe ter contado
que lhe quis foder a mulher
ele teria querido ver-me morto assim sem mais nem menos
como um verme que um pé pode desfazer porque sim
Expulsou-me de casa e desejou a minha morte
O meu pai tem o sentido da família muito apurado
tem reverência para com o seu próprio sangue
tem consideração por si e por aquilo que deu ao mundo
Pai
tu nem sabes o que saiu dos colhões

No fundo no fundo ele apreciava-me como filho
Às vezes pergunto-me se fui verdadeiramente o filho perfeito
se correspondi às expectativas criadas pelo núcleo familiar

Por exemplo
um dia fui ao Mac Donald's com o meu pai
Estava totalmente eufórico
primeiro porque ia comer um hambúrguer com queijo duplo
segundo porque estava sozinho com ele
e gostava de lhe dar a mão
porque significava que ele gostava de mim e que o mostrava às pessoas

Entrámos no centro comercial
havia aquelas escadas automáticas
quatro andares sempre a subir

Tinha dado a mão ao meu pai que depois fez questão de largar sem olhar
para subir mais depressa
Fiquei a admirar o jacto enorme do rés-do-chão
Uns miúdos diziam olh'ó rapuxo
Eu alucinava com aquele lance de 10 metros
E cheguei ao topo
Tu nunca hás-de conseguir nada na vida
nem uma escada que te ajuda a subir sobes
disse-me o meu pai
Durante o almoço não falámos
eu ia comendo
olhava para ele entre um pedaço de batata frita
e bocados de pepino que tirava do hambúrguer
Ele olhava lá fora para os cus por detrás do M amarelo

Não tinha percebido a frase
mas pelo sim pelo não apontei-a num caderno
Tu nunca hás-de conseguir nada na vida
nem uma escada que te ajuda a subir sobes
Conseguí percebê-la três anos depois desse hambúrguer

No início era tudo simples
não recebia nada como agressão
O silêncio em casa era normal
Não me falarem era normal
Fecharem-se no quarto uma tarde inteira
e darem-me um pão com nutela que comia frente à televisão era normal

Mas as coisas ao crescermos ficam mais evidentes
É verdade que a clarividência traz-nos
o pessimismo e uma vontade súbita de morrer
Não traz mais nada
Traz consigo essa carraça da qual dificilmente nos livramos
E temos medo
como os porcos quando descem da carrinha para levar um soco e serem degolados

Comecei a compreender o que ele queria dizer com aquela e aquela outra palavra
Apontava todas as frases que eu não entendia
Não só sobre mim
mas sobre coisas que ele lhe dizia
Às vezes ia ao dicionário pesquisar palavras
ia ao dicionário dos sinónimos
mas não percebia na mesma
Não conseguia perceber a ligação entre as frases
as metáforas
as alusões às coisas
as referências
Mas a perplexidade nascia dos olhares que acompanhavam o vocabulário
porque para isso não havia dicionário
Só me restava escrutinar mais
até um dia perceber os mecanismos da retina

Anos mais tarde li tudo o que tinha apontado
Numa semana li cinco cadernos
metade da colectânea pessoal
Li o resto durante os meses seguintes
10 páginas por noite

Estávamos na aldeia e comecei a ir à missa
Só me deixavas ir porque acreditavas em deus e nessa maldição
E no início ia para pedir a deus que te tirasse esse castigo
E rezava acredita
entrava e ajoelhava-me como as velhas
Creio em um só Deus
Pai Todo-Poderoso
Criador do Céu e da terra
e etceterra e etceterra e etceterra

E voltava a repetir e cerrava os olhos e os dentes
Tu não tinhas medo que eu lá fosse porque mesmo que contasse ao padre Emílio
ele não podia fazer nada nem contar a ninguém
porque faz parte da profissão encobrir o corpo e o diabo
Tal como eu mamã
acreditavas que se fosse à missa
e se lá fosse rezar todos os dias de manhã
os teus desejos talvez desaparecessem

Hipólito
se não me deres as cassetes
juro-te que

Dá-me essa cassete foda-se

Se tu não me deres a cassete digo ao teu pai que me violaste
Tu és porco ó porcalhão
Tu és um porco um porco um porco porco porco porco porco porco
porco porco porco porco porco porco porco porco porco
porco porco porco porco porco porco porco porco porco
porco porco porco porco

No início quando ela me acariciava com a língua e com os dedos
ficava triste
mesmo se aquilo era bom
Aos 12 anos ainda vomitava
Ela já sabia que ia acontecer
por isso me levava um balde que deixava debaixo da cama
Mas não sei porquê
comecei a deixar-me ir
a participar e a desconstrair-me e a compreendê-la e a ter dó
O corpo dela tornou-se aos poucos o único meio de transporte navegável
em que não enjoava

Numa noite comecei a gravar tudo com a câmara do meu pai
a gravar tudo o que fazíamos por cima das fitas já gravadas
com bolos de aniversário e pessoas a gritarem os parabéns
ou o casamento dos meus pais com o arroz e o folclore

Gravei as conversas que tínhamos
as regras que estabelecíamos para o coito
Numa cassete
a mais importante de todas
fi-la contar tudo
como tudo começou
idade
lugar
objectos
palavras

O início da cassete começa com a frase

Sabes que eu te amo e que sou uma pessoa normal e não uma mulher que participa de uma tragédia e que te arrasta nela e as minhas mãos são puras a poluição é mental

Há três dias

ela telefonou-me e depois de uma longa conversa sobre a cassete perguntou-me mais uma vez como iria ser recordada

Não sei

Tanto faz

Talvez como Fedra ou a mãe que amou o filho com as mãos

NOTA FINAL:

Dedicado ao **84**



centro de
dramaturgia
contemporânea